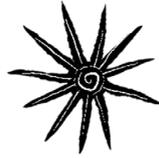


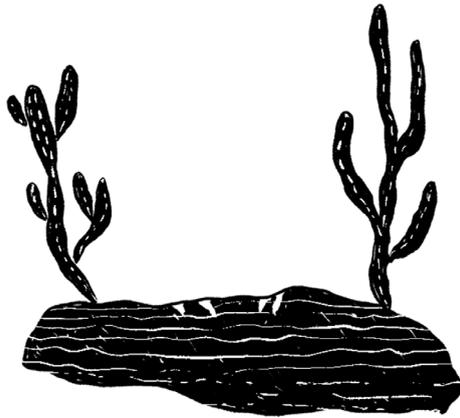
MOREIRA DE ACOPIARA

LAMPIÃO
NA TRILHA
DO CANGAÇO



MOREIRA DE ACOPIARA

LAMPIÃO NA TRILHA DO CANGAÇO



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
© 2022 Moreira de Acopiara

Produção editorial
Ciranda Cultural

Editora
Michele de Souza Barbosa

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Ilustrações
Vicente Mendonça

Diagramação
Linea Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A185l	Acopiara, Moreira de
	Lampião na trilha do cangaço / Moreira de Acopiara ; ilustrado por Vicente Mendonça. - Jandira, SP : Principis, 2022. 352 p. ; 15,50cm x 22,60cm.
	ISBN: 978-65-5552-754-4
	1. Literatura brasileira. 2. Cordel. 3. Brasil. 4. Nordeste. I. Título.
2022-0621	CDD 869.8992 CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)-34

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Apresentação	7
A arte de ler e escrever cordel	11
Raízes do cangaço.....	15
Jesuíno Brillhante, o cangaceiro romântico	25
Antônio Silvino, o rifle de ouro	33
Lampião, rei do cangaço	43
Lampião e Zé Saturnino	53
Lampião e Sinhô Pereira.....	61
Juventude de Lampião	69
Lampião e seus grandes inimigos.....	75
Cangaceiros	83
Maria Bonita, o amor do rei.....	95
Casais do cangaço.....	105
O cangaço e suas curiosidades.....	113
Alimentação no cangaço	121
Medicina e cangaço	129
Religião no cangaço	137
Mulheres no cangaço	145
Um triângulo amoroso no cangaço.....	153
Palmatória, chicote e ferro quente.....	159

Lampião em Água Branca	169
Lampião em Juazeiro do Norte.....	179
Lampião em Mossoró	189
Lampião e Padre Cícero num debate inteligente.....	199
Entre Lídia e Zé Baiano tinha um lindo Bem-te-vi	213
Bem-te-vi, o rival de Zé Baiano.....	223
Jararaca, um militar no cangaço.....	231
Gato, um indígena no cangaço	239
Corisco, o Diabo Louro	247
Volta Seca, um menino no cangaço	257
Zé Baiano, o cangaceiro mais rico que Lampião	265
Calais, o feiticeiro das caatingas	275
Pra tirar raça.....	285
Sabino das Abóboras.....	295
O trágico assassinato do maldoso Zé Nogueira	307
Lampião chorou.....	317
Lampião absolvido	327
O Rei tombou.....	335
Cangaço nunca mais	345
Agradecimentos.....	352



APRESENTAÇÃO

O cangaço foi – e ainda tem sido – um dos assuntos mais abordados no cordel, se não o mais. Eu mesmo, que não tenho a maior cordelteca do Brasil, contei aqui nas minhas estantes quase quinhentos títulos tratando desse fascinante tema. E conheço outros tantos. A começar por cordéis falando de Antônio Silvino, passando por Jesuíno Brilhante e Sinhô Pereira, Zé Baiano e Volta Seca, até chegar a Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, o mais engenhoso, astucioso e famoso de todos os cangaceiros. E o mais interessante é que cordel e cangaço são manifestações tipicamente nordestinas, sendo que o cordel, muito embora de origem europeia, foi no Nordeste brasileiro que muito bem se adaptou e a partir daí acabou ganhando características próprias e asas, antes de ganhar o mundo e muito contribuir na formação da cultura brasileira. O cangaço foi um movimento que também se estabeleceu no sertão nordestino ao longo de décadas, tendo nascido nos primórdios da colônia com os cabras que protegiam os feudos, ainda em situação de opressão, e continuou nas lutas de famílias, tendo seu auge nas décadas de 1920/1930 e seu fim decretado por volta do ano de 1940, logo depois da morte de Lampião, ocorrida na amanhecida do dia 28 de julho de 1938, na grota de Angicos, no município de Poço Redondo, interior de Sergipe, e de Cristino Gomes da Silva Cleto, o Corisco, ou Diabo Louro, talvez o último dos cangaceiros, que tombou no

dia 25 de maio de 1940, em Brotas de Macaúbas, na Bahia, deixando para Dadá, sua companheira, a incumbência de contar parte dessa fascinante história. Mas é claro que a violência não acabou aí, muito menos o banditismo. Surgiram os bandidos modernos, até mais bem equipados, mas não tão estrategistas quanto o rei do cangaço. E sempre haverá grupos rebeldes, violentos e opressores. Inclusive no tempo do cangaço tradicional havia homens que desertavam e se incorporavam às volantes, que eram as forças policiais, e outros que sentavam praça e ao mesmo tempo estavam ou entravam para o cangaço, dificultando assim a ação das polícias honestas e combatentes, ou das volantes. Tem até o caso do cangaceiro José Leite de Santana, o Jararaca, que antes de entrar para o grupo de Lampião foi soldado raso durante dois anos no Sudeste do Brasil. Qualquer semelhança com as milícias que hoje atuam e aterrorizam nos morros do Rio de Janeiro e de outras grandes cidades brasileiras não é mera coincidência.

O cordel fala de tudo. Se você quiser conhecer a história do Brasil, está toda lá; se quiser a história do Padre Cícero Romão Batista, o cordel conta, bem como a de Frei Damião, Ariano Suassuna, Antônio Conselheiro, Getúlio Vargas, Luiz Gonzaga e Irmã Dulce, só para citar alguns importantes vultos da nossa história recente. Se quiser saber sobre o cangaço, ou sobre muitos dos cangaceiros, é vasto o material, ou a bibliografia. E não é preciso nem ler muitos folhetos. É bastante folhear *Os cabras de Lampião*, de Manoel d'Almeida Filho; *Lampião, o Capitão do cangaço*, de Gonçalo Ferreira da Silva; ou mesmo *As proezas de Antônio Silvino*, de Leandro Gomes de Barros, publicado ainda no ano de 1907, mas sempre atual.

Minha paixão pelo tema “cangaço” me levou a escrever, em 2008, *De Virgulino a Lampião*. Depois fiz *Lampião e Padre Cícero num debate inteligente*, que levou o meu mestre Manoel Monteiro a dizer, certo dia, antes de indicar meu nome para concorrer a uma das cadeiras da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC, que aquele era o cordel que ele gostaria de ter escrito, fala que muito me honrou. Escrevi na sequência *Lampião absolvido*, inspirado no clássico *A chegada de Lampião no Inferno*, de José Pacheco. Como o interesse por esses folhetos sempre foi grande, decidi me aprofundar na pesquisa e produzir outros, e quando vi já estava com todos esses títulos, e mais alguns, que primeiramente foram publicados

LAMPIÃO NA TRILHA DO CANGAÇO

no formato tradicional, que é o que muito gosto, uma vez que foi lendo os cordéis comprados na feira de Acopiara e região que começaram o meu gosto pela leitura e minha paixão pela fascinante literatura de cordel.

O assunto “cangaço”, como já ficou claro, é muito vasto. Eu diria até que inesgotável. Neste livro, *Lampião na trilha do cangaço*, o leitor poderá empreender longa viagem por esse apaixonante mundo. Aqui você se deparará com textos sobre alguns dos principais cangaceiros, desde alguns que vieram antes de Lampião, passando por seu bando, por subgrupos, curiosidades, religião, entre outros temas. Há, ainda, um texto tratando do fim, também trágico, do cangaceiro Corisco. E tudo na linguagem do cordel.

MOREIRA DE ACOPIARA



A ARTE DE LER E ESCREVER CORDEL

Este é um livro que me marcou muito como escritor e leitor, e tenho certeza de que vai marcar você também. Recebi em abril de 2021 o original autografado de *Lampião na trilha do cangaço*, do nobre irmão de letras Moreira de Acopiara, com a missão de escrever algumas palavras sobre a leitura prévia que eu tinha pela frente. Já conhecia a obra do mestre havia anos, e num belo dia meu telefone tocou e era ele querendo manter contato sobre nossa cultura nordestina e para uma palestra em São Paulo, semanas depois desse primeiro contato. Por causa da pandemia de covid-19 que assola o mundo neste exato momento, não pudemos fazer presencialmente o debate, então recorremos à internet. Foi um bate-papo incrível, e a partir dali começamos a conversar e tentar construir mais projetos juntos. Em seguida o convidei para palestrar no I Simpósio de meu canal O Cangaço na Literatura, e foi tudo perfeito. Todos os papos e ideias tiveram um único caminho: literatura de cordel. Mas o que é o cordel? Bem, não vou me alongar aqui explicando o que é esse segmento incrível de nossa literatura, justamente porque o autor deste livro que você tem em mãos explicou muito bem em sua apresentação, então vou me ater ao livro em si. Vamos lá?

“Li numa sentada”, como a gente fala aqui no Nordeste. Eu havia deixado o boneco do livro na estante dos “não lidos”, mas hoje, exatamente 31 de maio de 2021, resolvi tomar coragem e ler. Coragem? Sim. Por ser

uma responsabilidade gigantesca prefaciando a obra de um autor que tanto admiro, eu sabia que tremaria na base. Com muita alegria, consegui terminar a leitura com um sorriso no rosto e feliz pelo que li. Não escrevo para agradecer – quem me conhece sabe muito bem que sou extremamente crítico e prefiro perder uma amizade por falar a verdade a mentir, pois a verdade sempre vence, por mais que doa. Vamos aos pontos positivos e negativos da obra.

Só o fato de não ficar preso na bolha “lampiônica” já chamou minha atenção. Ir em busca da verdadeira história do cangaço em geral me trouxe uma luz na construção desses versos tão perfeitamente rimados e construídos em redondilha maior, com estrofes em sextilhas, setilhas e décimas. As variações de temas seguiam desde a juventude de Lampião até a morte do Rei do Cangaço, também visitando o caso de Zé Baiano e suas tragédias, assim como o épico Medicina e o Cangaço, que me deixou boquiaberto pela pesquisa feita. E, falando em pesquisas, fiquei extremamente grato ao ver muitas delas que foram feitas pelo meu canal no YouTube sendo citadas nos textos, a exemplo do Bem-te-vi, cangaceiro que era o rival de Zé Baiano:

*Adotou o nome de
Benedito Bacurau,
Foi morar em Carinhanha,
Mostrou ser cara de pau,
Buscou ser sujeito ordeiro,
Passou a ser sapateiro,
Procurou não ser tão mau.*

Meu sorriso veio à tona na página 230 ao ler essa estrofe e sentir que nossa pesquisa deu frutos e que sem dúvida Moreira não se deixou levar por achismos, mesmo ele tendo essa liberdade poética ao escrever um cordel. Nem tudo deve ser feito com base na realidade, para que nos traga a beleza dos versos, pois o primeiro livreto de cordel que li foi o clássico *O Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende, e anos depois ganhei outro cordel igual, mas agora assinado por João Melquíades, e em seguida um

LAMPIÃO NA TRILHA DO CANGAÇO

terceiro, assinado pelos dois. Mas quem era o autor? Foi aí que comecei a pensar na importância dessa literatura. Mas o livro *Lampião na trilha do cangaço* foi estudado e bem pesquisado, pois, além da beleza de se ler por completo dentro dessa arte, teremos muita coisa a aprender ao terminar de cantar seus versos e ao sentir a natureza das palavras que se combinam uma à outra e também à coletânea de livros que estão reunidos nesta obra-prima.

Pontos negativos? Sim, todos temos. Talvez por nosso autor morar em São Paulo, mesmo sendo cearense de Acopiara, esta obra fique restrita ao Sudeste, e ela não merece ficar presa a um só núcleo. Espero mesmo que este livro chegue em massa a todas as regiões do país e até fora dele, pois nestas páginas está nossa cultura nordestina, representada pelas mais nobres das construções linguísticas que conheço por estas bandas: a poesia, o repente, o cordel e a rima. Então, meu caro autor, trate de lançar no país inteiro, visse?

Então, meus amigos, leiam com carinho e se deixem emocionar, recitem em voz alta ao para os que estão por perto, para que os contaminem de cultura. Se tocas uma viola, manda ver nas toadas, pois dá para se musicar, sério, de forma extremamente mágica. Obrigado, Moreira de Acopiara, por esta emoção que me proporcionou, pois hoje, com tanta tecnologia, ver que a cultura do cordel não morreu é sem dúvida uma dádiva para as gerações futuras. E que outros estejam aqui quando formos embora e continuem a criar versos, contar histórias do presente e reler as do passado, para que no futuro saibamos tudo que aconteceu hoje. Tenha uma magnífica leitura.

Robério Santos, Itabaiana-SE, 31 de maio de 2021

Escritor, professor, jornalista e apresentador do programa no YouTube *O Cangaço na Literatura*.





RAÍZES DO CANGAÇO

Quando se fala em cangaço,
Só se pensa em Lampião,
Mas esse forte fenômeno
Ocorrido no sertão
Teve início juntamente
Com a colonização.

É isso mesmo! Conforme
Nossos colonizadores
Foram chegando, com eles
Vieram grandes valores,
Mas também apareceram
Meliantes e infratores.

Alguns privilegiados
Receberam muita terra,
Largas faixas, e elas iam
De uma serra a outra serra,
E entre esses proprietários
Às vezes havia guerra.